

Elites e ideologias coloniais: o caso dos “gaúchos” do Mato Grosso¹

Profa. Dra. Luciana Schleder Almeida

UNILAB - BA

Palavras-chave: agronegócio, moralidades, colonialismo.

A região do Alto Teles Pires, no eixo da BR-163 (Cuiabá-Santarém) em seu trecho que corta de sul a norte o Mato Grosso, corresponde a uma área fortemente associadas ao “agronegócio”². Há pouco mais de 30 anos, o cultivo de soja tornou-se hegemônico na região, sendo estratégico para o “avanço da fronteira agrícola” sobre territórios de floresta. A pujança da produção de soja - associada a outros cultivos, principalmente milho – deslocou do Sul para o Centro-Oeste o título de maior produção.

O material etnográfico foi reunido em dois municípios que ladeiam a BR 163 e que se destacam na produção de soja. Procurei acompanhar o cotidiano de famílias consideradas representativas da elite local: famílias “muito faladas”, “muito conhecidas”.³ A maior parte das informações estão relacionadas à uma dezena de famílias que plantavam entre 500 e 10 000 hectares em áreas próprias ou arrendadas, hierarquizadas por produção nos termos “pequeno”, “médio” e “grande”.⁴

1 Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

2 O termo foi proposto por elites agrárias, nos anos 1990, num esforço de modernização traduzida pela incorporação de uma atitude mais “empresarial” na atividade agrícola inspirada no *agribusiness* norte-americano. (GRYSNPAN, 2012)

Mais recentemente, os mesmos setores endossam a marca “agro” amplamente veiculada em campanha publicitária massiva “Agro: A indústria-riqueza do Brasil”: “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo. Agro tá na [TV] Globo.” acessado em 12/07/2018. As Organizações Globo S/A são associados à ABAG desde sua criação. (<http://www.cnabrazil.org.br/noticias/entidades-do-conselho-do-agro-debatem-comunicacao-do-setor>)

3 Este texto faz parte de um conjunto de publicações realizadas no âmbito do projeto “Sociedade e Economia do Agronegócio” (HEREDIA et al, 2010) cuja proposta foi compreender a “modernização da agricultura” especialmente em áreas identificadas com o “agronegócio”. O trabalho de campo durou três meses e serviu de base para a elaboração da tese de doutorado defendida em 2013. (ALMEIDA, 2013).

4 Existe diversidade no âmbito dos agentes que protagonizam o avanço do agronegócio. As famílias pesquisadas pertencem a um tipo mais “territorializado” em comparação com agentes econômicos desterritorializados ou : “... investidores originários do Sudeste, do Sul do país ou da capital, raramente domiciliados na região na qual possuem sua propriedade, que atuam com a ajuda de assalariados e gestores especializados baseados no local. Encontram-se também grandes grupos,

A apresentação dos dados tem como objetivo lançar luz sobre famílias e comunidades engajadas nesse avanço, cuja mobilização se deu de forma sistemática, enquanto programa de colonização oficial implementada pelos governos militares (1964-1985). Os ideólogos do programa consideravam que os *imigrantes*, sobretudo alemães e italianos, oriundos de colônias estabelecidas no século XIX no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, eram os agentes preferenciais para criar “agricultura moderna” (TAVARES DOS SANTOS, 1993). O governo atuou no sentido de abrir estradas e criar um mercado de terras onde havia a floresta e sua dispersa população de camponeses caboclos e população indígena. (MORENO, 2007). Programas de financiamento para compra de terra, para desmate e para “estrutura” (maquinário e armazenagem) deveriam atrair os colonos.

Na orla da rodovia, surgiram núcleos urbanos e ao redor, a floresta foi dando espaço para terras comercialmente cultiváveis. Novas populações chegaram à região estabelecendo-se como donos da terra. A população preestabelecida foi marginalmente incorporada pela nova sociedade ou mesmo exterminadas.⁵

Depois de 30 anos, as condições de chegada, as condições de chegada já não são tão promissoras, no entanto, o fluxo migratório do Sul nunca cessou. O que ocorreu foi o fortalecimento da região como um ponto de atração, trazendo também fluxo migratório de trabalhadores do Norte a partir dos anos 1990. (HEREDIA ; PALMEIRA, 2009).

Esse processo não sucedeu sem a emergência de novas identidades sociais forjadas no bojo de empreitadas coloniais do Estado sobre si mesmo.⁶ Nesse sentido, a análise se insere na discussão sobre os conceitos de “neocolonialismo” elaborado por Kwame Khrumah no pós-guerra e a retomada da ideia de “colonialismo interno” proposta por Pablo Gonzales Casanova nos anos 1970. A noção de neocolonialismo joga luz nas modalidades de dominação norteadas por tratados econômicos entre estados independentes. Casanova retomou uma discussão proposta por Marx sobre relações coloniais que podem ocorrer no interior do Estado-Nação e que tendem a submeter

financiados por investidores nacionais ou estrangeiros, alguns deles agindo através de fundos de investimento.” (BUHLER; OLIVEIRA, 2016)

5 Sobre expropriação e extermínio de população indígena ver VALENTE, 2017.

6 Segundo IZARD (1991), os processos coloniais no interior de um Estado-nação tem a ver com modalidades de instalação de colonos em regiões geralmente pouco povoadas, mas de boa vocação agrícola ou com matéria-prima não explorada. Em tais casos, o equilíbrio da população se modifica progressivamente até que possa levar à marginalização da população autóctone ou mesmo de extermínio.

“minorias ou etnias colonizadas”.⁷

As tensões envolvendo “agronegócio” e populações tradicionais, portanto, só podem ser compreendidas na medida em que colocamos em evidência o componente étnico. Conforme Barth (1997), são constitutivos das organizações sociais étnicas processos de manifestações de identidades.⁸ No intuito de explicitar os principais aspectos identitários da elite “gaúcha” busquei amparo teórico na noção de *ethos*.

Em Bateson (2008), *ethos* é definido como sistema culturalmente padronizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos; é abstração feita a partir de toda a massa de suas instituições e formulações; se expressa pelo tom do comportamento. Para Geertz (1989), aspectos éticos e estéticos de uma dada cultura ou seus elementos morais, foram resumidos sob o termo *ethos* enquanto que aspectos cognitivos existenciais (ontológicos e simbólicos) foram designados pelo termo “visão de mundo”. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estéticos. Visão de mundo é conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade; contém idéias mais abrangentes sobre ordem.

Considerando esse processo de disputa e conquista territorial, cultural e economicamente situadas, a pesquisa buscou revelar quais são os atributos que constituem o *ethos* que sustenta esse avanço colonial contemporâneo. A compreensão do *ethos* “gaúcho” vivenciado nas comunidades nesta região do Mato Grosso permite correlacionar fenômenos de natureza econômica, política e étnica. A dimensão étnica corresponde a aspectos ideológicos que contribuem para definir os parâmetros de disputas territoriais e econômicas.

O deslocamento para o Cerrado significou a assunção de outra posição social: os colonos deixaram a condição *imigrante* e subordinada à elite nacional para assumir

7 “ Os Estados de origem colonial e imperialista e suas classes dominantes refazem e conservam as relações coloniais com as minorias e as etnias colonizadas que se encontram no interior de suas fronteiras políticas. O fenômeno repete-se uma ou outra vez depois da queda dos impérios e da independência política dos Estados-nação com variantes que dependem da correlação de forças dos antigos habitantes colonizados e colonizadores que conseguiram a independência.” (GONZALEZ CASANOVA, 2007)

8 “A especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas esse papel não pode ser dissociado dos processos de manifestações de identidades. Tais processos são organizacionais precisamente na medida em que não derivam da psicologia dos indivíduos, mas da constituição de espaços cênicos e das operações externas que os atores aí realizaram uns com os outros. É nesses espaços que os atributos culturais adquirem um valor expressivo (e podem então ser altamente seletivos, não como reveladores de uma realidade subjetiva, até mesmo inefável, mas como reivindicação pública que necessita ser publicamente validada e ratificada e que supõe um idioma convencional comum.” (BARTH, 1997, p. 113)

papel central na economia e política. A pujança do mercado de commodities agrícolas que respondem por cerca de 30 % do PIB brasileiro e a robusta frente “ruralista” capaz de mobilizar cerca da metade dos votos do Congresso Nacional são alguns fatores que evidenciam a posição do setor do “agronegócio” no contexto brasileiro. Pode-se incluir também uma relevante dimensão “cultural” que é a afirmação do “sertanejo universitário” como gênero musical a partir dos anos 2000. Atrações musicais costumeiras em exposições agropecuárias do Centro-Oeste tornaram-se produtos culturais palatáveis para o público das demais regiões do país.

Conforme SEYFERTH (1990), no século XIX, “imigrante” era um termo genericamente tomado como “sinônimo de trabalhador, no sentido de que estava no país para substituir o 'braço escravo' ou para produzir alimentos” : “brasileiros, especialmente a elite, assumiram em diversas ocasiões a posição de maioria (como grupo dominante), classificando os imigrantes de forma estereotipada, no sentido de desqualificá-los, ou para justificar-lhes uma posição subordinada” (SEYFERTH, p. 80, 1990). De fato, no Sul do Brasil, “colono” tem o sentido de “caipira”, remete à rusticidade camponesa. A condição de minoria, no entanto, não significa que essas identidades étnicas não tenham sido elaboradas sob a perspectiva etnocêntrica de superioridade étnica. (SEYFERTH, p. 91)

Embora os colonos sejam oriundos de diversas “áreas colonias” nos três estados do Sul, tanto italianas quanto alemãs, no Mato Grosso, essas comunidades pioneiras assumiram a mesma definição “gaúchas” como marcadora da posição hegemônica e da origem comum (já que “gaúcho” é gentílico do nascido no Rio Grande do Sul). Uma constante é a mudança de status que os colonos experimentam: da pequena policultura camponesa no Sul à monocultura mecanizada em grandes extensões no Mato Grosso. Oliven (1994) sugere que a adesão de *colonos* que migraram para o Mato Grosso ao tradicionalismo está relacionado com a ascensão social conquistada com o deslocamento, pois o “Gaúcho” seria um tipo associado aos grandes proprietários no Sul.

A consolidação do projeto colonial opera como evidência palpável da superioridade da “cultura” ou da “tradição” portada pelos colonos “gaúchos”. As narrativas pioneiras revelam a importância destinada à distinção enquanto “gaúchos”, comumente mencionando a criação de um clube “C.T.G.” (Centro de Tradições

Gaúchas) como um dos marcos da construção da cidade. Os C.T.G.'s de Sorriso (“Recordando os Pagos”) e de Lucas do Rio Verde (“Sentinela da Tradição”) podem ser encarado como uma espécie de espaço cerimonial da “cultura gaúcha” ou simplesmente, da “tradição” como dizem seus sócios. No dia 20 de setembro, pude acompanhar em Sorriso a parada cívica em homenagem ao “Dia do Gaúcho”. Trata-se de uma data cívica referente à revolta da oligarquia regional sulista contra o poder central na primeira metade do século XIX. A representação alegórica do “gaúcho” é a do herói autóctone, mescla de portugueses, espanhóis e indígenas. Tropeiro, viajante sobre o cavalo, vestido a calça “bombacha”. Identificado com a paisagem da “Campanha” ou “Pampa” (terras baixas ou na fronteira com Argentina e Uruguai) e não com a “Serra Gaúcha” ao norte, ocupada pelas “colônias”.

O discurso de afirmação de suas “qualidades culturais” (disciplina, persistência, *saber trabalhar*) está baseado na comparação com as “culturas” portadas por outras populações reunidas: os “cuiabanos” ou antigos moradores da terra e os “maranhenses” ou trabalhadores vindos do Norte e Nordeste para ocupar postos no ramo de serviços, na construção civil e nas fazendas. O nome “maranhense” opera como uma marca étnica, na medida em que são nomes descritivos do tipo de ator social: em que se lê “braçal”. (BARTH, 1997, p.115)

A importância da distinção “cultural” enquanto “gaúchos” contribui para explicar o processo de colonização como algo natural, entendido sob a ótica do determinismo cultural que reservou aos não-gaúchos uma posição historicamente passiva. Os “cuiabanos” são associados à paisagem de botecos à beira das estradas e plantações rudimentares de mandioca - imagem-evidência de que não eram capazes de enxergar o “verdadeiro” potencial do lugar. Os “maranhenses” são os trabalhadores que habitam os bairros periféricos, reproduzindo o padrão de segregação espacial de grandes cidades. (ELIAS; PEQUENO, 1996)A eles, os “gaúchos” atribuem uma natureza “culturalmente inferior”: famílias desestruturadas, sociabilidade violenta, lascívia, desinteresse pelo trabalho.

A pesquisa demonstra que “trabalho” consiste importante marcador da “cultura gaúcha”. A centralidade do *saber trabalhar* esteve manifesta nas horas de lazer, quando *trabalham* nas festas da igreja, do CTG ou de alguma causa filantrópica promovidas pelo Rotary Club ou pela Loja Maçônica. Mesmo as festas promovidas por associações

laicas seguem o ritmo das festas luteranas e católicas (as chamadas “festa de comunidade”).

O *saber trabalhar* enquanto um comportamento “cultural” remete a uma outra ideia chave para compreender o *ethos* da comunidade “gaúcha”: a afirmação da força política dos produtores esteve muito associada com a “independência” almejada, com a crença na autonomia típica da atividade agrícola. Essa tendência vai ao encontro do *ethos* do *imigrante* descrito por Seyferth(1990), tem como base a “colônia” (que designa tanto a pequena propriedade quanto a área rural) como um microcosmo auto-suficiente. De certo, as “sociedades de capela” e outras “sociedades de auxílio mútuo” descritas pela autora, contribuíram para imprimir esse clima de autonomia. Na construção da memória dos pioneiros, o processo de urbanização, emblema civilizatório, foi comumente atribuído à cooperação comunitária: diz-se “a sociedade fez”, “a sociedade construiu”.

A ideia de autosuficiência continua fazendo sentido, mas incorpora novos símbolos ligados ao papel desses produtores na divisão social do trabalho global. No contexto pioneiro, a razão de ser da propriedade deixa de ser a subsistência da família e a produção familiar⁹ passa a responder as demandas do mercado global de *commodities agrícolas*.

Os produtores de Sorriso e Lucas do Rio Verde, consideram-se agora, não somente provedores de sua família; eles consideram-se, sem exageros, provedores da população do planeta. A teoria nativa sobre o desenvolvimento do “agronegócio” entende que a agricultura alimenta a mola do desenvolvimento urbano e industrial.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Luciana Schleder. *Gaúchos, festas e negócios: o agronegócio da soja no Meio-norte Matogrossense*.2013. Tese (Doutorado em Antropologia e Sociologia), PPGSA, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade.

Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat,

⁹ A produção e os negócios dos “gaúchos” contém um fundamental componente de natureza familiar. Foi raro em campo conhecer empreendimentos, de variados segmentos e tamanhos, que não fossem geridos por “sociedades” formadas por pais e filhos; por siblings, sendo as mulheres alijadas dessas posições em favorecimento dos maridos (cunhados).

- Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.
- BATESON, G. *Naiven*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BONTE (Pierre) IZARD (Michel) (éds) Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie Paris P.U.F. 1991.
- BUHLER, E; OLIVEIRA, V. Técnica e Natureza no Desenvolvimento do “Agronegócio”. Caderno CRH, salvador, n/v. 29, n. 77, maio/agosto, 2016.
- ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2006.
- GONZALEZ CASANOVA, Pablo. **Colonialismo interno (uma redefinição)**. *En publicacion: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas* Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina. 2007
- GEERTZ, C. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GRYSNPAN, Mario. Origens e conexões norte americanas do agronegócio no Brasil. *Revista Pos Ciências Sociais*, São Luis, MA: v. 9, n 17, 2012.
- HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir. Migrações em áreas de agronegócio. *Travessia Revista do Migrante*, São Paulo, n. 65, set.-dez, 2009.
- HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sergio Pereira. Sociedade e Economia do “Agronegócio” no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74, out. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a10v2574.pdf>
- MORENO, G. *Terra e poder em Mato Grosso: política e mecanismo de burla (1892 a 1992)*. Cuiabá/MT: Entrelinhas e EDUFMT, 2007.
- OLIVEN, Ruben George. A Tradição Revisitada: a (Re)Construção da Identidade Gaúcha No Brasil Moderno. In: MATO, Daniel. (Org.). *Teoria y Política de la Construcción de Identidades y Diferencias en América Latina y el Caribe*. Caracas: Nueva Sociedad, 1994, p. 101-106.
- SEYFERTH, G. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília; UnB, 1990.
- TAVARES DOS SANTOS, Jose Vicente. *Matuchos : exclusão e luta : do sul para a Amazônia*. Petropolis: Vozes, 1993.
- VALENTE, R. “ *Os fuzis e as flechas: História de Sangue e Resistência Indígena na Ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.